A influência da cultura nipo-brasileira na moda nacional contemporânea: um estudo de caso sobre a coleção Toki no Koromo, da designer Ana Clara Watanabe[1]

The influence of Japanese-Brazilian culture on contemporary Brazilian fashion: a case study on the Toki no Koromo collection by designer Ana Clara Watanabe

Anna Karla Ogoshi Vieira

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender, através de um estudo de caso acerca da coleção Toki no Koromo, da designer e artista Ana Clara Watanabe, a existência, ou não, de uma estética e influência nipo-brasileira na indústria de moda nacional. Por meio de pesquisa bibliográfica, análise documental e análise comparativa, foi possível observar elementos de design de moda brasileiros e japoneses, resultando em uma estética única e potente. Para isso, realizou-se uma contextualização de designers nipo-brasileiros como Jum Nakao e Fernanda Yamamoto, além de reflexões acerca de ancestralidade e pertencimento. A partir disso, conclui-se que existe, de fato, uma estética que mescla elementos brasileiros e japoneses no trabalho de tais designers e, principalmente, do objeto de estudo deste trabalho, a coleção da marca WTNB.
Palavras-chave: moda nipo-brasileira; identidade; ancestralidade.

ABSTRACT

This paper aims to understand, through a case study of the collection Toki no Koromo by designer and artist Ana Clara Watanabe, the existence, or lack thereof, of a Japanese-Brazilian aesthetic and influence in the national fashion industry. Through bibliographic research, documentary analysis, and comparative analysis, it was possible to observe Brazilian and Japanese fashion design elements, resulting in a unique and powerful aesthetic. To this end, a contextualization of Japanese-Brazilian designers such as Jum Nakao and Fernanda Yamamoto was carried out, alongside reflections on ancestry and belonging. From this, it is concluded that there is, in fact, an aesthetic that blends Brazilian and Japanese elements in the work of such designers and, most notably, in the object of study of this paper, the collection by the brand WTNB.
Keywords: Japanese-Brazilian fashion; identity; ancestry.

INTRODUÇÃO

Uma das principais funções da moda desde seu surgimento é seu papel identitário, o qual possibilita que diferentes povos se manifestem e se diferenciem através de suas vestimentas e costumes. Nesse sentido, ela atua como um espaço para observar encontros e tensões entre culturas distintas, especialmente em contextos marcados por processos migratórios e diásporas. E o que acontece quando dois povos distintos se convergem?

[1] Trabalho orientado pela Prof.ª Dr.ª Lilyan Guimarães Berlim

De acordo com dados do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão (2023), cerca de 2,7 milhões de japoneses e descendentes vivem atualmente no Brasil, formando a maior comunidade *Nikkei*[2] fora do Japão. A presença desse grupo no país é atravessada por dinâmicas sociais e políticas complexas, que vão da valorização cultural à marginalização simbólica: embora elementos da cultura japonesa tenham sido amplamente assimilados no Brasil, esse processo nem sempre se reflete no reconhecimento pleno de japoneses e descendentes como parte integrante da identidade brasileira.

No campo da moda, essa relação torna-se particularmente visível. Estilistas brasileiros descendentes de japoneses, como Jum Nakao, Fernanda Yamamoto e Ana Clara Watanabe, desenvolvem suas criações no contexto nacional, mas frequentemente têm seus trabalhos associados prioritariamente à sua ascendência. Este capítulo levantou questionamentos sobre o espaço ocupado por esses designers na moda brasileira, como eles a influenciam e quais referências estão sendo aplicadas em suas peças. Existe, de fato, uma estética nipo-brasileira? E como ela se traduz na moda?

Diante disso, pode-se compreender que o objetivo deste texto foi entender o papel e a influência da cultura nipo-brasileira na moda nacional através de um estudo de caso acerca da coleção Toki no Koromo, que pode ser traduzida como "O Vestuário do Tempo", desenvolvida pela estilista Ana Clara Watanabe para sua marca WTNB 渡辺[3].

Dessa forma, a justificativa para esse capítulo foi contribuir com o campo de pesquisa em moda nacional e ancestralidade, buscando expandir o conceito de brasilidade por outra perspectiva. Mesmo em uma nação diversa como o Brasil, a população amarela, termo que designa descendentes do leste asiático, como japoneses, chineses e coreanos, ainda é categorizada como estrangeira em razão de seu fenótipo. A presente pesquisa buscou compreender, através da análise do trabalho de uma estilista contemporânea nipo-brasileira, de como ela se vale, ou não, de elementos de design de moda que se originam da combinação única entre dois povos distintos, e como isso se reflete na produção de moda nacional. O texto buscou articular debates sobre identidade cultural, pertencimento e racialização, ampliando a compreensão da moda brasileira para além de narrativas homogêneas e eurocentradas.

O objetivo principal deste texto foi, então, analisar de que maneira a cultura nipo-brasileira se manifesta na moda nacional contemporânea, a partir do estudo da última coleção da designer Ana Clara Watanabe (Toki no Koromo, 2025), e compreender como essa

[2] Termo que designa imigrantes japoneses e seus descendentes que vivem fora do Japão.
[3] Watanabe em japonês.

convergência cultural contribui para a construção de uma estética singular no contexto da moda brasileira.

Os objetivos específicos foram: identificar características estéticas e simbólicas associadas às culturas brasileira e japonesa, estabelecendo um referencial teórico e visual para a análise do estudo de caso; investigar de que maneira elementos culturais nipo-brasileiros se articulam nas propostas estéticas, conceituais e produtivas da coleção Toki no Koromo; contextualizar o trabalho de designers nipo-brasileiros, como Jum Nakao, Fernanda Yamamoto e a própria Ana Clara Watanabe, a fim de compreender continuidades, aproximações e diferenças entre eles; por fim, investigar como a influência nipo-brasileira se configura na moda nacional contemporânea, contribuindo para a formação de uma estética própria e para o reposicionamento simbólico da moda brasileira.

Para tal, uma bibliografia principal composta por autores-chave para a realização deste trabalho foi utilizada. Para estruturar o estudo de caso, buscou-se o método do cientista social Robert K. Yin (2015). Para o autor, um estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real, especialmente quando os limites entre fenômeno e contexto não estão evidentes. Para tal, deve-se pressupor a existência de uma teoria prévia, que será testada no decorrer da investigação; neste caso, houve a hipótese de que existe uma estética nipo-brasileiro sendo empregada na moda nacional atualmente.

Para a realização do estudo de caso de fenômenos contemporâneos, Yin lista algumas ações:

- O fenômeno deve ser observado em seu ambiente natural;
- Um ou mais entes devem ser examinados;
- A complexidade do caso deve ser estudada de forma intensa;
- Não são utilizados controles experimentais;
- Exige a análise completa de um evento ou situação, utilizando raciocínio indutivo, partindo de casos específicos para chegar a uma conclusão geral.

Para compreender a estética japonesa, tanto na moda quanto nas artes, os autores Donald Richie (2007) e Bonnie English (2011) foram cruciais. Para compreender as consequências e reflexões advindas da imigração e iniciar o debate acerca de cultura e identidade, foram escolhidos os autores Jeffrey Lesser (2007) e Ignacio López-Calvo (2019).

Além disso, contemplou-se na revisão bibliográfica o conceito japonês *Ma*, que significa “intervalo”, “vazio”, “espaço entre” ou, como cita a autora Tatiana Lie Iwasa (2025), o “entre-espaço”. Essa definição nos auxilia na compreensão, ainda que através de uma

perspectiva subjetiva e poética, da posição do imigrante e de seus descendentes fora de seu país de origem.

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo, voltado à compreensão de significados, símbolos e construções identitárias associados à estética nipo-brasileira no contexto da moda nacional contemporânea. Como procedimentos metodológicos, foram utilizadas pesquisa bibliográfica, análise documental e análise comparativa. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de livros e artigos científicos selecionados por meio de buscas nas bases Google Scholar, SciELO e o Catálogo de Teses & Dissertações (CAPES).

A estrutura do trabalho foi pensada da seguinte forma: primeiramente, um debate acerca do objeto principal de estudo, os nipo-brasileiros, e sua relação com o "entre-espaço"; em segundo lugar, no tópico "O futuro ancestral da moda", refletiu-se acerca da relevância da ancestralidade no atual contexto social, político e econômico; logo depois, um breve paralelo entre as principais características da moda brasileira e da moda japonesa; adiante, os tópicos que abordam três designers nipo-brasileiros e suas linguagens de moda; para concluir, o estudo de caso da coleção selecionada.

O NIPO-BRASILEIRO E SUA RELAÇÃO COM O ENTRE-ESPAÇO

No romance de 2011 do autor Oscar Nakasato, intitulado Nihonjin, acompanhamos diferentes gerações de uma família de imigrantes japoneses, desde sua chegada ao porto de Santos até a contemporaneidade. Haruo, um dos filhos do patriarca da família, nascido no Brasil, enfrenta dificuldades para compreender sua própria identidade e a relação que possui, ou não, com o país de origem de seus familiares.

O dilema enfrentado pelo personagem da obra literária é uma representação do impasse que acomete pessoas amarelas diariamente, as quais se encontram confinadas em um entre-lugar, sem se sentirem, de fato, pertencentes a um local. Conforme aponta o autor Jeffrey Lesser (2007):

> A discontented diaspora suggests that many people in Brazil erroneously assume that Nikkey feel 'Japanese' and thus have an emotional attachment to Japan as an irrefutable homeland. While Japanese-Brazilian rarely see themselves as diasporic in this classic sense, the strong imprint from the majority has had an impact on their identity construction.[4]

[4] "Uma diáspora descontente sugere que muitas pessoas no Brasil presumem erroneamente que os nikkeis se sentem 'japoneses' e, portanto, têm um apego emocional ao Japão como uma pátria incontestável. Embora os nipo-brasileiros raramente se vejam como diaspóricos nesse sentido clássico, a forte influência da maioria tem impactado a construção de sua identidade." (tradução nossa)

Tal entre-lugar pode ser definido pelo conceito filosófico e estético japonês *Ma* que, nas palavras da Profª Dra. Michiko Okano (Okano *apud* Iwasa, 2025)

> O *Ma*, enquanto possibilidade, associa-se ao 'vazio', que, distinto de uma concepção ocidental cujo significado é o nada, é visto como algo do nível da potencialidade, que tudo pode conter, e, portanto, da possibilidade de geração do novo.

Partindo desta percepção, é possível pensar que os nipo-brasileiros estão, a cada nova geração, criando um espaço novo de pertencimento que não se limita a uma lógica binária de nacionalidade, mas que se configura como um campo híbrido, dinâmico e em constante evolução.

A discussão identitária nipo-brasileira é um processo complexo e que também gera conflitos, como evidenciado na trajetória de Haruo, cuja identidade foi frequentemente atravessada por expectativas externas, estereótipos e imposições.

Dessa forma, ser nipo-brasileiro se traduz em processos identitários individuais, expressando-se de formas diferentes em diversos campos socioculturais e artísticos, como a literatura, o cinema ou a moda.

O FUTURO ANCESTRAL DA MODA

A moda é um sistema que se caracteriza pela constante mudança e pela inovação, sempre em busca da próxima tendência, novidade ou conceito. Entretanto, autores, pesquisadores e pensadores já apontam a necessidade de uma nova abordagem, centrada na sustentabilidade ambiental, social e econômica:

> O processo de sustentabilidade impele a indústria da moda a mudar. Mudar para algo menos poluente, mais eficaz e mais respeitoso do que hoje; mudar a escala e a velocidade de suas estruturas de sustentação e incutir nestas um senso de interconectividade (Fletcher e Grose, 2012, p. 1).

Uma das maneiras de se aproximar de uma moda mais consciente e genuína é através das práticas ancestrais de comunidades ao redor do globo. Ao adentrarmos um processo de decolonização da prática de moda, podemos enxergar novas possibilidades de produção do vestuário que não estejam pautadas em uma lógica consumista. Guerra e Moura (2024) apontam:

> O conceito corrente e majoritário de moda não abarca sua diversidade, muito pelo contrário, apoia-se numa suposta superioridade de estilo eurocentrada, baseada no desejo constante pela novidade e na rápida mudança das formas culturais. Esta acepção esconde uma lógica colonial, na qual o certo, o bom, o bonito devem ter o selo de qualidade e aprovação dos centros considerados difusores da moda.

Nesse sentido, ao direcionarmos o olhar para a moda nacional, a cultura nipo-brasileira se apresenta como um campo fértil para pensar alternativas ao modelo hegemônico de produção e consumo. Resultado de processos migratórios e de trocas culturais, essa identidade híbrida carrega em si valores, estéticas e modos de fazer que tensionam tanto a lógica eurocêntrica quanto a dinâmica acelerada da indústria global da moda.

A presença japonesa no Brasil, iniciada no começo do século XX, não se limita a uma contribuição histórica ou demográfica, mas se desdobra em práticas culturais que atravessam o cotidiano, inclusive o vestir. Elementos como a valorização do coletivo, o respeito à natureza, a disciplina no fazer e a atenção aos detalhes encontram ressonância em práticas tradicionais japonesas que podem dialogar diretamente com uma moda mais sustentável e consciente.

No contexto nipo-brasileiro, esses valores não são simplesmente reproduzidos, mas reinterpretados a partir da experiência diaspórica. Há, portanto, uma ressignificação constante, em que referências japonesas se mesclam a elementos brasileiros, gerando uma estética própria. Essa hibridização pode ser compreendida como um gesto de resistência às imposições de um sistema de moda homogêneo, abrindo espaço para narrativas mais diversas e enraizadas.

MODA BRASILEIRA E MODA JAPONESA

“Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” (Andrade, 1928, p. 1).

A discussão sobre o que caracteriza a moda brasileira é extensa. Enquanto os principais expoentes da moda, como França e Itália, possuem características estabelecidas há séculos, a moda brasileira ainda possui certa dificuldade para se definir, seja por uma estética ou um feitio.

Em 2024, no programa Roda Viva, da TV Cultura, o estilista Alexandre Herchcovitch afirmou que, ao ser feita por um brasileiro, trata-se de uma moda brasileira. Desde a época da colonização, nossa estética foi pautada pelo que vinha de fora, construindo um imaginário coletivo eurocentrado, sem compreender as nuances de nosso próprio feitio. Essa mentalidade

culminou no Manifesto Antropófago de 1928, escrito por Oswald de Andrade, o qual traz ao centro da discussão o caráter antropofágico da cultura brasileira, baseado na apropriação crítica de referências estrangeiras.

Em uma matéria de 2024 da plataforma FFW (Fashion Forward), o jornalista Gabriel Fusari questiona diversos estilistas nacionais sobre suas definições de moda brasileira. Dentre diferentes respostas, uma questão é sempre levantada: a pluralidade presente em nosso país, seja de estéticas, raças, processos ou referências.

Conforme constata o professor e pesquisador de moda João Braga no TED Talk "A identidade da moda no Brasil", organizado pelo TEDxSantos em 2019, a identidade de moda brasileira, inspirada por nossas próprias características, como a fauna, flora, materiais, entre outros, é muito recente. Um dos principais expoentes dessa moda foi a estilista Zuzu Angel, com suas sedas estampadas, crochês, peças em chita e algodão produzido no Brasil.

Há, ainda hoje, discussões entre especialistas e entusiastas da moda nacional acerca do que seria, de fato, a moda brasileira. No entanto, um país tão diverso e rico em referências de Norte a Sul jamais poderia encaixar-se em uma única descrição. Embora tenhamos determinadas características próprias, como a leveza, a fluidez e a herança artesanal, não é possível delimitar, com convicção, o que configura ou não a moda nacional. Entre alfaiatarias sóbrias e motivos florais, enquanto a peça for concebida por um profissional brasileiro, trata-se, dessa forma, de moda brasileira.

Já em relação à moda japonesa, é possível compreender algumas características principais, especialmente em relação à atuação dos designers japoneses no Ocidente, como Issey Miyake, Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo. De acordo com Iwasa (2025, p. 49),

> [...] os designers japoneses apropriavam-se de características como a imperfeição (costuras aparentes, desgastes), a assimetria e a desconstrução. Esse ponto de vista apreendido como peculiar teve repercussões que geraram conflitos de interpretação de identidade.

Para Bonnie English (2011), ao longo da história, a paixão pela beleza sutil, pela perfeição incompleta e o culto ao refinamento baseado em simplicidade e austeridade sempre foram elementos da estética japonesa. Além disso, podemos conceber um profundo respeito pelos materiais e pela natureza, e a exploração de aspectos como equilíbrio, espaço vazio e perspectiva. English comenta, ainda, a coleção conjunta de Yamamoto e Kawakubo em 1981:

> They were entirely black in colour and irregular in shape, with oddly positioned pockets and fastenings. Their size appeared voluminous, as if the

> space between the external garment and the body had been exaggerated, emphasized by layering and wrapping. The clothing was characterized by torn, ripped and ragged fabric, uneven and unstitched hemlines; the designers had ruthlessly dissected the sartorial conventions of high fashion (English, 2011, p. 38).[5]

Todavia, é importante questionar a validade de tais características sob um ponto de vista local. Afinal, tais designers tiveram uma extensa atuação no Ocidente e não gostavam de ser limitados ao seu país de origem, embora a crítica especializada os caracterizasse como representantes de uma identidade japonesa.

Em entrevista para a revista Women's Wear Daily, em 1983, Rei Kawakubo expressa seu incômodo:

> I'm not very happy to be classified as another Japanese designer. (...) There is no one characteristic that all Japanese designers have.[6]

Ainda assim, é possível delimitar certas características da moda japonesa até os dias de hoje: modelagem amplas, silhuetas estruturadas, tecidos mais encorpados e um grande foco em construção.

DESIGNERS NIPO-BRASILEIROS

Para Bauman (2005), a identidade deve ser entendida como um processo contínuo, instável e sempre inacabado. Quando se refere a uma identidade nipo-brasileira, o antropólogo Koichi Mori (Mori *apud* Pinto e Okano, 2023), comenta que não existe, no Brasil, uma cultura japonesa, visto que esta já foi deslocada de seu contexto de origem, passando a operar como uma cultura híbrida, a nipo-brasileira.

Ao analisarem as expressões de artistas nipo-brasileiros como Manabu Mabe e Tomie Ohtake, Pinto e Okano (2023, p. 65) concluem que "sempre há um vestígio de 'japonesidade' quer seja intencional, quer seja inconsciente, mas não deixam de sofrer as influências do contexto tropical em que vivem, na construção de transcriações".

A partir dessa reflexão, surge a hipótese de que a combinação entre nações tão diferentes e plurais pode resultar em uma nova estética que foge aos tradicionais padrões de

[5] "Eram inteiramente pretas e de formas irregulares, com bolsos e fechos posicionados de maneira incomum. Seu volume parecia ampliado, como se o espaço entre a roupa externa e o corpo tivesse sido exagerado, enfatizado por sobreposições e fechos. As peças eram marcadas por tecidos rasgados, desgastados e esfarrapados, barras irregulares e sem acabamento; os designers haviam desconstruído de forma implacável as convenções sartoriais da alta-costura." (tradução nossa)

[6] "Não fico muito feliz em ser classificada como apenas mais uma designer japonesa. (...) Não existe uma única característica que todos os designers japoneses tenham." (tradução nossa)

nacionalidade, tornando-se uma amálgama de referências a partir das vivências de cada criador, seja ele um artista plástico, escritor ou estilista.

Em matéria na revista Elle Brasil em 2023[7], a jornalista Chames Oliveira afirma: "Imigrantes ou descendentes, essa parcela (nipo-brasileiros) representa uma simbiose de culturas que, apesar das adversidades enfrentadas, é capaz de promover fortes pulsões criativas." De fato, existem nomes de potência na moda nacional que se encaixam nesta descrição, como os estilistas Jum Nakao, Fernanda Yamamoto e Ana Clara Watanabe.

Jum Nakao

Jum Nakao é designer e diretor criativo, brasileiro e neto de japoneses. Nasceu e vive em São Paulo, onde localiza-se seu ateliê. Conhecido por costurar o imprevisível, o estilista coleciona prêmios, participações em eventos e mostras relevantes, além de colaborações com grandes marcas, como a Nike.

Em junho de 2004, realizou o emblemático desfile-manifesto "A Costura do Invisível", no maior evento de moda do Brasil, o São Paulo Fashion Week. Chocou a audiência ao rasgar as próprias peças ao final do desfile, elaboradas em papel vegetal e confeccionadas em mais de 700 horas de trabalho. Tal coleção, última de sua marca homônima à época e considerada o "desfile da década" pela própria São Paulo Fashion Week, o consagrou um dos grandes nomes da moda brasileira, entrando para a história da moda nacional e internacional.

Sua trajetória na moda inicia-se no ano de 1984, através de cursos da instituição Coordenação Industrial Têxtil (CIT). Em 1988, cursa licenciatura em Artes Plásticas e, em 1989, programas de extensão em História da Vestimenta e História da Moda. Segundo Alencar (2022), o designer, buscando se desvencilhar de códigos e convenções, escolheu trabalhar com um alfaiate, interessado em criar roupas com conceito e estar mais próximo à variedade de corpos. Fez parte de um movimento dos anos 90 de profissionalização da moda brasileira, antes refém de referências estrangeiras, junto a nomes como Alexandre Herchcovitch e Ronaldo Fraga. Após seu último desfile na São Paulo Fashion Week, passa a se dedicar a outras áreas, em especial à docência.

Figura 1 – Criações de Jum Nakao (desfile A Costura do Invisível, 2004)

[7] OLIVEIRA, Chames. Conheça 4 marcas nacionais que resgatam sua herança asiática. Elle Brasil, 2023. Disponível em: https://elle.com.br/moda/4-marcas-nacionais-heranca-asiatica. Acesso em: 7 abr. 2026.



Fonte: Site Jum Nakao (2004).

Criador da técnica de modelagem em fita crepe, a qual permite criar réplicas perfeitas do corpo para um ajuste tridimensional, suas criações carregam uma curiosidade acerca de volumes, formas e corpos. Nakao foca na desconstrução da forma, tratando a roupa como uma "segunda pele" e uma interface entre o indivíduo e o mundo. Além disso, traz influências japonesas, como a técnica da criação de renda no papel, como foi observado no desfile de 2004. Nos designs desta mesma coleção, conseguimos observar referências a vestimentas de mulheres nobres do século XIX e aos brinquedos *Playmobil*, formando uma história lúdica, coerente e cheia de referências.

Essas principais características do trabalho de Jum Nakao também se manifestam em outros projetos do artista, como peças de mobiliário, livros e luminárias.

Figura 2 – Look da coleção Caelestis (2024)



Fonte: Site Vogue Brasil (2024).

Em 2024, 20 anos após o “desfile de papel”, Nakao lança a coleção e o filme “Caelestis”, em um convite para repensar a velocidade e o excesso de consumo, ao mesmo tempo em que enfrentamos uma escassez de recursos. A coleção conta com 24 peças inspiradas nos signos do zodíaco e, assim como no desfile de 2004, conseguimos observar a principal característica de seu trabalho: explorar os volumes e as formas do corpo.

Figuras 3, 4 e 5 – Looks da coleção Caelestis (2024)



Fonte: Site Vogue Brasil (2024).

Nesta coleção, ainda, as texturas e os materiais usados do Cerrado goiano completam uma fusão de elementos híbridos entre moda brasileira e japonesa, com a utilização de modelagens mais amplas e uma atenção especial à construção das peças.

Fernanda Yamamoto

Fernanda Yamamoto é designer de moda nascida e atuante em São Paulo, formada em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e em Moda pela Parsons School of Design, em Nova York. Durante esta última, estagiou em marcas como Tufi Duek e Calvin Klein e, após retornar ao Brasil, atuou na marca do estilista Alexandre Herchcovitch.

Em 2007, abriu sua própria etiqueta homônima, inaugurando a primeira loja física e ateliê em 2009. Segundo Iwasa (2025, p. 16):

> A partir de 2010, Fernanda Yamamoto tornou-se presença constante nos calendários da moda brasileira. Seu trabalho é reconhecido internacionalmente pela pesquisa de materiais e processos manuais e modelagem exclusivas desenvolvidas por ela e sua equipe em ateliê próprio, localizado junto à sua loja física. Já foi convidada a apresentar suas criações na semana de moda de Tóquio, no Japão, bem como no evento Raiz Diseño, no Chile.

Há, em suas criações, um equilíbrio entre aspectos subjetivos e abordagens comerciais, sem perder a autenticidade. O estudo mencionado de Iwasa (2025), o qual buscou "elaborar acerca de identidade nipo-brasileira a partir da análise visual de uma peça da designer de moda Fernanda Yamamoto", concluiu que é possível destacar hipóteses sobre uma identidade japonesa no trabalho da designer, incluindo a presença do quimono e a relação com os espaços, elemento pouco presente na moda ocidental.

Figuras 6, 7 e 8 – Peças da coleção Umi (verão 2026), de Fernanda Yamamoto



Fonte: Site Fernanda Yamamoto (2026).

Assim como Nakao, com quem já trabalhou, Fernanda declarou preocupar-se com as relações humanas e o que está por trás da superfície em suas peças. Ao brincar com formas, volumes e texturas, traz à tona um caráter experimental que atravessa suas coleções.

Figuras 9, 10 e 11 – Peças da coleção de Fernanda Yamamoto para a São Paulo Fashion Week SPFW N58



Fonte: Agencia Fotosite (2024).

Já na coleção desfilada na São Paulo Fashion Week N58, em 2024, Yamamoto apresenta, assim como Nakao, uma fusão de elementos híbridos: a figura do quimono trabalhada em diferentes formatos, a fluidez dos tecidos, os recortes contemporâneos e toques como o bordado dourado de folha de ginkgo biloba, bem como a versão em tecido do kintsugi, arte japonesa de juntar cacos de cerâmica. Os plissados artesanais são uma assinatura da estilista.

Ana Clara Watanabe

Ana Clara Watanabe é natural de Pindamonhangaba, no interior de São Paulo, e se destaca como um dos nomes mais promissores da nova geração de designers da moda brasileira. Formada em Design de Moda pela FAAP, também realizou dois cursos na londrina Central Saint Martins em 2022, antes de voltar ao Brasil com uma proposta da marca Insider.

A estilista conta à edição de setembro de 2024 da revista Vogue Brasil que seu primeiro trabalho de reaproveitamento de peças foi aos 13 anos, comprando em brechós e bazares na terra natal.

Em julho de 2023, surge a WTNB, uma marca-laboratório que, segundo o próprio site da marca, explora "modelagens, texturas e materiais em vestuário, mobiliário e design gráfico".

Focada no sob-medida e sem apego ao timing tradicional do mercado, a WTNB possui a sustentabilidade como um de seus principais pilares, a partir do reaproveitamento de matérias-primas, processos de reciclagem e contando com uma produção nacional pelas mãos de mais de 10 artesãs e costureiras concentradas em Pindamonhangaba.

Além disso, a designer se divide em mais uma label, a Ana Clara Watanabe, onde assina criações mais conceituais ligadas às artes plásticas, como a coleção TARSILA AMARELA, apresentada em formato de performance no Edifício Martinelli em 2024.

A WTNB também criou sua própria agrofloresta, "um sistema de plantio que integra diferentes culturas agrícolas com árvores e a vegetação nativas da região, formando um ecossistema equilibrado" (Mesquita, 2025). A partir de 2026, a marca pretende lançar linhas mais comerciais desenvolvidas de forma exclusiva a partir do algodão produzido no sítio Motoko-Teruaki.

Em relação às características das criações de Watanabe, destaca-se o upcycling, principal técnica utilizada pela designer, a qual consiste na utilização de peças já existentes para a produção de algo novo. A alfaiataria também é muito presente nos designs da marca, além de aplicações de bordados e trabalhos com crochê e tricô.

As reflexões acerca da identidade japonesa da estilista também vêm à tona, sendo a WTNB um ponto de encontro entre suas origens nipo-brasileiras. Em um episódio do podcast Pelos Acesso, publicado em abril de 2026, a designer explica a junção entre sua família materna, brasileira, alegre e expansiva, e a família paterna japonesa, mais séria e introspectiva; nesse mesmo episódio, Watanabe afirma que sua “questão com a moda começou muito com essa junção”.

Ao buscar explorar mais sua origem nipônica, a estilista introduz à marca processos inspirados em origamis, escritas em kanji, inspirações em quimonos e no movimento das vestimentas através da dança-teatro japonesa butô. Em 2025, as coleções da WTNB foram desenvolvidas a partir de filosofias japonesas que exploram a natureza, o trabalho manual e a autorreflexão, como os conceitos de Shinrin Yoku, Kaizen, Sashiko e Boro.

Dentre suas maiores inspirações estão, ao mesmo tempo, o pintor e escultor brasileiro Hélio Oiticica e a estilista Rei Kawakubo.

ESTUDO DE CASO: COLEÇÃO TOKI NO KOROMO

A coleção que foi analisada neste estudo de caso, Toki no Koromo, questiona como seriam as roupas usadas daqui a cem anos, e a resposta reside na ancestralidade. Em uma análise da coleção realizada por Gabriel Monteiro, jornalista da Elle Brasil:

> Em termos de tema, a estilista imagina um amanhã que recupera formas antepassadas de viver. No lugar do completo fim, que tal retomar o senso de responsabilidade coletiva e melhorar o equilíbrio entre o homem e a natureza? Sim, a ideia parece romântica, mas não deixa de ser uma alternativa – e talvez a única saída que evite a nossa completa extinção.[8]

Essa reflexão, que vai ao encontro da proposta sustentável da marca, projeta um futuro verdadeiramente ancestral no ano de 2125, com uma comunidade que vive em harmonia e colaboração. Tal vilarejo fictício é inspirado em figuras de agricultores, curandeiros e guerreiros, uma homenagem à história da família da estilista.

> Assim como o algodão não nasce por acaso, o futuro também não acontece. Ele é cultivado. Arte e confecção se tornam atos de insistência, de cuidado e de persistência. Como na resposta de Michelangelo diante do Davi: não se cria algo novo, apenas se retira tudo aquilo que não é essencial. TOKI NO KOROMO é esse gesto de escavação no tempo. Um ensaio sobre um amanhã que se constrói com as mãos no agora. Uma coleção-performance que imagina o futuro não como ruptura, mas como retorno: à terra, ao corpo e à responsabilidade de escolher, todos os dias, o mundo que queremos vestir.[9]

Figuras 12 e 13 – Looks da coleção Toki no Koromo, da marca WTNB

[8] MONTEIRO, Gabriel. WTNB, 2025. ELLE Brasil, 27 nov. 2025. Disponível em: https://elle.com.br/moda/wtnb-2025. Acesso em: 18 abr. 2026.

[9] WTNB. TOKI NO KOROMO. São Paulo, 16 jan. 2026. Instagram: WTNB. Disponível em: instagram.com/p/DTk3cmhDdez/. Acesso em 18 abr. 2026.



Fonte: Site Elle Brasil (2025).

Em relação às peças em si, podemos observar códigos característicos da marca que se mantêm, como a alfaiataria que repensa a silhueta, o uso recorrente de tonalidades sóbrias e as formas geométricas, além de sobreposições, plissados e patchworks.

É notória a presença de elementos nipo-brasileiros em sua construção. Observamos isso nas peças feitas de panos de quimonos japoneses antigos, nas elaboradas estampas de ilustrações de nanquim, nos formatos dos quimonos, desdobrados e repensados em novas formas e interpretações. A filosofia wabi-sabi, que valoriza e enxerga beleza nas imperfeições, também está presente no tecido exposto, desfiado de algumas bainhas.

Figura 14 – Look da coleção Toki no Koromo, da marca WTNB



Fonte: Site Elle Brasil (2025).

Ao mesmo tempo, o uso do crochê, dos colares e detalhes de miçangas de madeira, de peças confeccionadas com folhas e cascas de troncos de bananeiras são características que somam ao aspecto mais brasileiro da coleção, formando uma combinação das referências pessoais e profissionais da designer.

Há, ainda, o aspecto utilitário de alguns detalhes das peças, como as capas e os maxicoletes inspirados em vestimentas rurais centenárias que protegem das intempéries do tempo. Esses detalhes refletem com precisão não o futuro, mas o momento atual no qual vivemos, conversando com nossos próprios medos e incertezas.

Figura 15 – Look da coleção Toki no Koromo, da marca WTNB



Fonte: Site Elle Brasil (2025).

Ademais, as peças apresentam um contraste entre a rigidez e a fluidez que traduzem com excelência a fusão nipo-brasileira da coleção. As silhuetas de influência oriental operam junto à materialidade e às texturas notadamente nacionais, apresentando uma estética única, potente e afiada. Estética esta cujos elementos também podem ser pontualmente observados em coleções de outros designers nipo-brasileiros, como os analisados anteriormente. A relação humano-produto, a desconstrução das formas dos quimonos e a maneira de trabalhar formas, texturas, volumes e dobras são algumas das características em comum entre eles.

Por fim, a direção de arte nos ajuda a construir esse vilarejo imaginário e costura com precisão um cenário digno de filmes de ficção científica, mas desta vez a estética futurista é embasada na ancestralidade. Uma ancestralidade que não é nem totalmente japonesa, nem totalmente brasileira, mas que segue um terceiro caminho. Aquele do entre-espaço.

Figuras 16, 17 e 18 – Detalhes da coleção Toki no Koromo, da marca WTNB



Fonte: Site Elle Brasil (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moda contribui diretamente com o zeitgeist, o espírito do tempo, e vice-versa. Ao longo do estudo de caso, observamos, com clareza, como a coleção Toki no Koromo retorna a um contexto ancestral em busca de respostas para nosso presente e futuro. A ancestralidade torna-se, mais do que nunca, essencial para compreender e fazer moda nos tempos incertos e bélicos que vivemos em 2026.

Tal ancestralidade mora na autenticidade de entendermos quem somos, nossas origens e nossa história. Para os nipo-brasileiros, essa é uma questão que acompanha indagações em relação a de onde viemos e a qual lugar pertencemos de fato. Entretanto, a partir das análises presentes neste trabalho, foi possível contemplar uma alternativa: a de estarmos criando nosso próprio espaço.

Assim como Jum Nakao e Fernanda Yamamoto, Ana Clara Watanabe também busca inspiração em suas raízes nipônicas e brasileiras, criando uma mistura de referências híbridas, que tornam um projeto rico e potente, mas nunca restrito a um determinado espaço.

A pluralidade do Brasil sempre foi, e segue sendo, um dos principais pontos levantados quando se fala em moda, arte e cultura nacional. As vivências e histórias de cada um nos torna uma das populações mais diversas e ricas do globo, e isso se reflete também em nossa moda.

Dessa forma, é possível, sim, constatar nas peças da coleção Toki no Koromo, características tanto brasileiras quanto japonesas, as quais mostram que existe, de fato, um

novo ponto de vista surgindo a partir da pluralidade de referências culturais presentes em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Beatriz Begliomini de. **O papel da moda**: Jum Nakao. 2022. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2022.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/116769-manifesto-antropofago. Acesso em: 16 jan. 2026.

ASSUNÇÃO, Luxas. **Criatividade sem fronteiras**. Vogue Brasil, São Paulo, n. 549, p. 58-61, set. 2024.

ASSUNÇÃO, Luxas. **"Desfile de papel", de Jum Nakao, celebra 20 anos**. Vogue Brasil, 21 jun. 2024. Disponível em: https://vogue.globo.com/moda/noticia/2024/06/desfile-de-papel-de-jum-nakao-celebra-20-anos.ghtml. Acesso em: 10 abr. 2026.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRAGA, João. **A identidade da moda no Brasil**. [S.l.]: TEDxSantos, jun. 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/joao_braga_a_identidade_da_moda_no_brasil. Acesso em: 17 abr. 2026.

BRANTLEY, Ben. Rei Kawakubo: a reflection on beauty, from a designer of few words. **WWD**, mar. 1983. Disponível em: https://wwd.com/fashion-news/fashion-features/feature/article-1084971-1811546/. Acesso em: 3 abr. 2026.

EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL. **Mensagem do embaixador**. Disponível em: https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/ano-intercambio-amizade-jp-br-mensagem.html. Acesso em: 7 abr. 2026.

ENGLISH, Bonnie. **Japanese fashion designers**: the work and influence of Issey Miyake, Yohji Yamamoto and Rei Kawakubo. Oxford: Berg Publishers, 2011.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & sustentabilidade**: design para mudança. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

FORBES BRASIL. **Ana Clara Watanabe - Forbes Under 30 - A jornada #8**. [S.l.]: Forbes Brasil, 13 jul. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lDjzBh1zd08. Acesso em: 18 abr. 2026.

FUSARI, Gabriel. **O que é moda brasileira?** Os estilistas respondem. Disponível em: https://ffw.com.br/materias/o-que-e-moda-brasileira-os-estilistas-respondem/. Acesso em: 7 abr. 2026.

GUERRA, Suzana Curi; MOURA, Solange M. S. **A roupa dos meus ancestrais**: ancestralidade na formação de estudantes de moda. *In*: COLÓQUIO DE MODA, 19., 2024, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: [s.n.], 2024.

IWASA, Tatiana Lie. **Estética nipo-brasileira**: localização e expectativa na moda de Fernanda Yamamoto. 2025. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

LESSER, Jeffrey. **A discontented diaspora**: Japanese Brazilians and the meanings of ethnic militancy, 1960–1980. Durham: Duke University Press, 2007.

LÓPEZ-CALVO, Ignacio. **Japanese Brazilian saudades**: diasporic identities and cultural production. Boulder: University Press of Colorado, 2019.

MESQUITA, Giuliana. **Conhecemos a agrofloresta da WTNB em Pindamonhangaba**. ELLE Brasil, 14 ago. 2025. Disponível em: https://elle.com.br/moda/agrofloresta-da-wtnb. Acesso em: 18 abr. 2026.

MONTEIRO, Gabriel. **SPFW N58**: Fernanda Yamamoto. ELLE Brasil, 21 out. 2024. Disponível em: https://elle.com.br/moda/spfw-n58-fernanda-yamamoto. Acesso em: 15 jul. 2026.

MONTEIRO, Gabriel. **WTNB, 2025**. ELLE Brasil, 27 nov. 2025. Disponível em: https://elle.com.br/moda/wtnb-2025. Acesso em: 18 abr. 2026.

NAKAO, Jum. Biografia. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.jumnakao.com.br/bio/. Acesso em: 10 abr. 2026.

NAKASATO, Oscar. **Nihonjin**. São Paulo: Benvirá, 2011.

O ESTILISTA Jum Nakao cria móveis com design diferenciado. Claudia, 21 out. 2012. Disponível em: https://claudia.abril.com.br/sua-vida/o-estilista-jum-nakao-cria-moveis-com-design-diferenciado/. Acesso em: 10 abr. 2026.

OLIVEIRA, Chames. **Conheça 4 marcas nacionais que resgatam sua herança asiática**. ELLE Brasil, 28 ago. 2023. Disponível em: https://elle.com.br/moda/4-marcas-nacionais-heranca-asiatica. Acesso em: 7 abr. 2026.

PELOS ACESSO PODCAST. **Pelos Acesso #037 - Ana Clara | WTNB**. [S.l.]: Pelos Acesso Podcast, 6 abr. 2026. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x0f4hPEL8TA. Acesso em: 18 abr. 2026.

PINTO, F. M.; OKANO, M. **A transcriação nos diálogos interculturais da arte nipo-brasileira**: Manabu Mabe, Tikashi Fukushima e Tomie Ohtake. *In*: Nipo-brasileiros: arte, cultura e história. 2023. p. 48–70.

RICHIE, Donald. **A tractate on Japanese aesthetics**. Berkeley: Stone Bridge Press, 2007.

RODA VIVA. **Roda Viva | Alexandre Herchcovitch | 08/07/2024**. YouTube, 8 de julho de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eE7-b7Iby50. Acesso em: 7 abr. 2026.

SCREMIN, João Paulo. **A arte conceitual na moda**: análise semiótica das coleções de Jum Nakao, Alexander McQueen, Alexandre Herchcovitch e Viktor & Rolf. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Moda) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

VOGUE BRASIL. **Jum Nakao apresenta a coleção e filme Caelestis**. Vogue Brasil, 2024. Disponível em: https://vogue.globo.com/moda/noticia/2024/10/jum-nakao-apresenta-a-colecao-e-filme-caelestis.ghtml. Acesso em: 15 jul. 2026.

WTNB. **TOKI NO KOROMO**. São Paulo, 16 jan. 2026. Instagram: WTNB. Disponível em: instagram.com/p/DTk3cmhDdez/. Acesso em 18 abr. 2026.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.